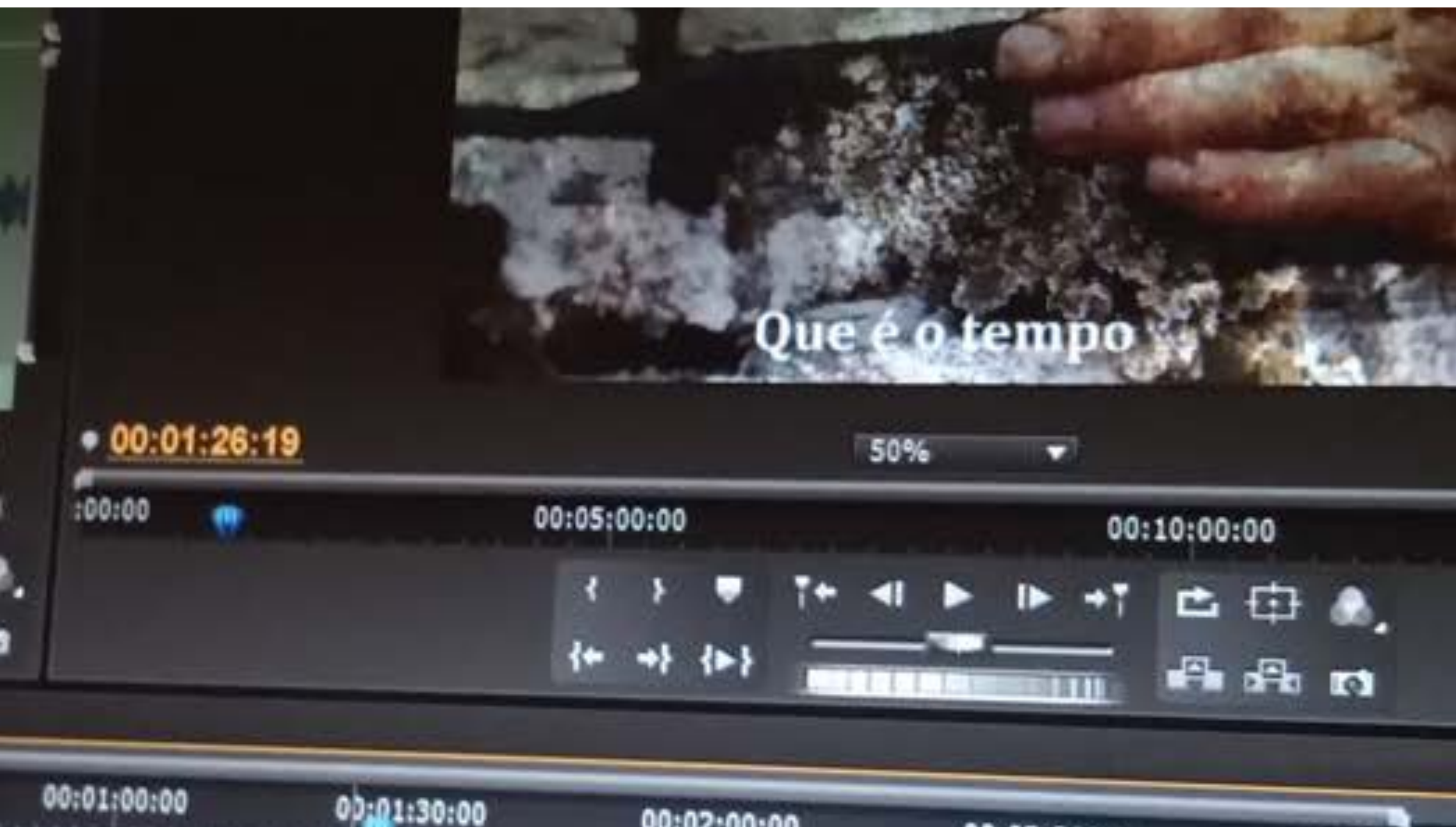


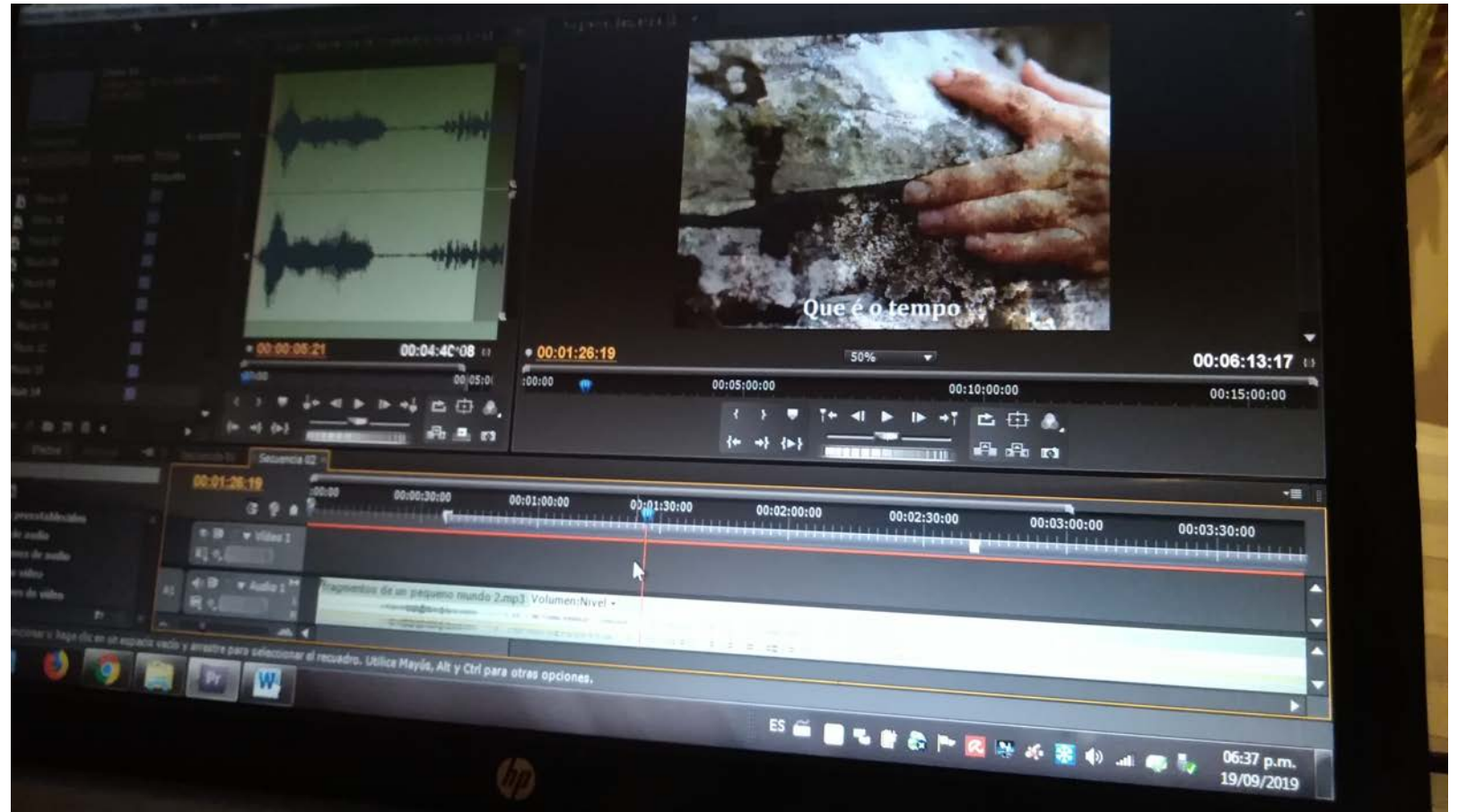


INTEMPORAL

Estratégias para habitar um monumento

Alejandra González Soca | Universidad Católica del Uruguay (Ucu) - Facultad de Ciencias Humanas | Colaboradora do CEAACP





*Ficou deserto o casarão, pasmado,
amargurado de tanta solidão.*

*Agora, quem o visita, se o souber entender, o
ressuscita.*

J. Alarcão

Intemporal | Processo. Foto de A. González Soca

O projeto Intemporal: estratégias para habitar um monumento surge como uma instalação colaborativa *site specific*, que foi realizada no âmbito do 40.º aniversário do início dos trabalhos de investigação no sítio arqueológico de São Cucufate. A instalação articulou práticas artísticas, o vínculo com as diversas comunidades envolvidas nos trabalhos de escavação, a valorização do sítio arqueológico e um trabalho específico de campo como estratégia poética e política de ação.

A organização desta iniciativa implicou a diversos atores, como a Câmara Municipal de Vidigueira, a Direção Regional de Cultura do Alentejo, o Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP), bem como a Junta de Freguesia de Vila de Frades.

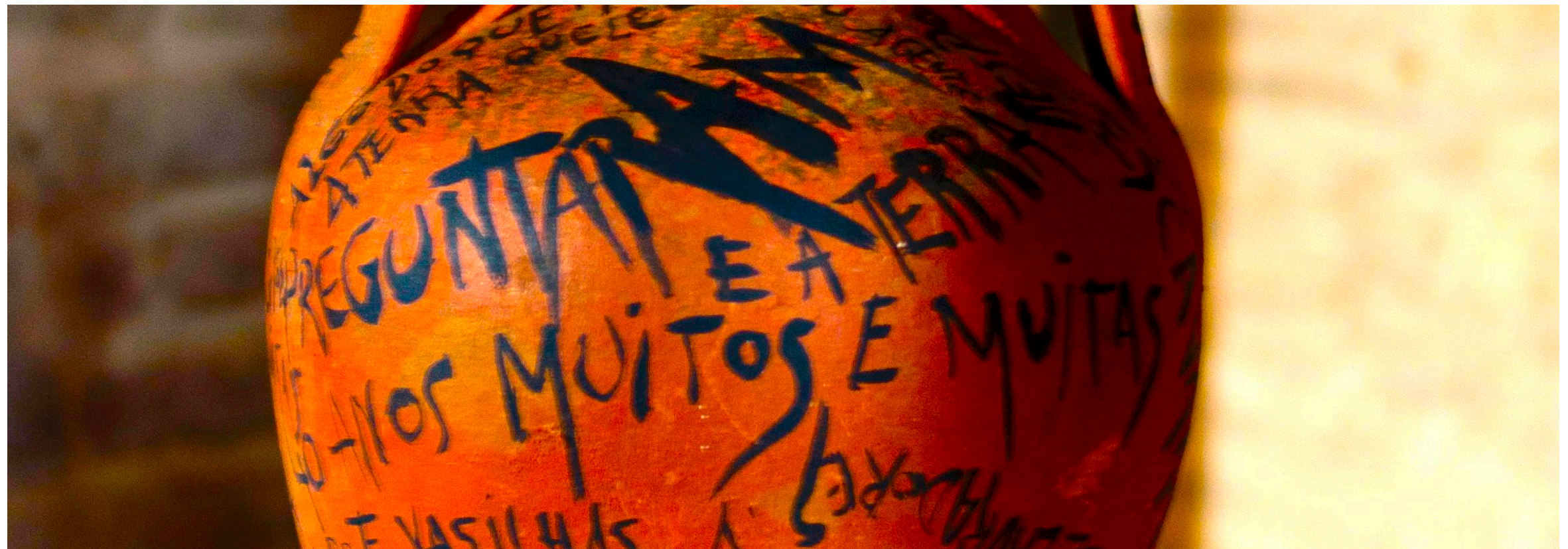
A experiência teve como antecedente a intervenção realizada no ano de 2016 chamada **Fragmentos de um pequeno mundo**, desenvolvida a partir de um convite do CEAACP para formar parte do *projeto* “*Os livros da Terra: chão escutado*”, que se inscrevia em um contexto de encontro de vários modos de abordagem do património e da terra. Nesse contexto, o foco esteve em estabelecer o diálogo entre as noções de memória, contexto e visibilidade que se apresentavam a partir de múltiplas capas, ativadas simultaneamente, como um palimpsesto. Essas capas de histórias tomaram forma através de elementos do lugar como matéria prima ou ferramenta, integrando as próprias estruturas da construção – como os andaimes de sustentação – evidenciando a natureza *site specific* e efêmera do projeto. Na inauguração, participou a comunidade local, reavivando o vínculo com o espaço e com a memória dos trabalhos arqueológicos. O afeto enraizado manifestou-se como uma força potente. Ainda sem saber, assim começava a gestação da trama do novo projeto; o **INTEMPORAL**.

Por seu lado, Intemporal propiciou o recordar como voltar a passar pelo coração, aspirando reativar laços de vínculo e afeto como espaços de construção de sentido. Esta comemoração reuniu comunidade e pesquisadores, reconstituindo uma cartografia anedótica que reaparece a partir desses blocos de memórias que constituíram um espaço cotidiano.

Nesse sentido, a seleção das peças integraram a condição de recolção reflexiva e de observação participante, através da confluência com pessoas, anedotas e ações, retornando a um “como se” antropológico subjetivo, que oportunizou o resgate daqueles que resgataram, desde o sentido do acontecimento, bem como as marcas que foram deixadas na vida dos envolvidos. Para além do vincular e da celebração, esse tipo de tarefa pública fica, muitas vezes invisibilizada, são histórias mínimas sem as quais os grandes empreendimentos seriam impossíveis.

A materialidade do monumento concedeu à experiência um caráter atemporal que se ressignificou em cada pedra, rastro e textura, um espaço que entrelaçou uma trama histórica entre as vivências daqueles que o fizeram ressurgir e dos que ainda seguirão transitando por ele. A escuta e o processo de acumulação material e experiencial foram as chaves para capturar imprecisas dimensões, tais como identidade, património, pertença e comunidade, gerando suportes físicos para preservar os fragmentos de uma temporalidade sensível.

O campo do esperável abriu-se, (des)desenhou-se as fronteiras disciplinares e cotidianas desde um estranhamento na forma de habitar monumento. Neste contexto, não se pretendeu chegar a respostas conclusivas. Em definitiva, o olhar externo e estrangeiro da artista traduz, sem pretensões totalizantes, a percepção de uma cronista que desde sua experiência indagou na episteme possível das histórias e dos objetos encontrados e criados.





Debaixo do sol a terra fala.

Em verde, em bicho, em barro.

Há 40 anos muitos e muitas

Escavaram este solo.

Perguntaram e a terra respondeu

Em pedra, muro, moedas e vasilhas.

Falou de romanos, de monges,

De lavradores, de patrícios,

De cristãos, de pagãos.

De música, comida e bebida.

De vida por fim.

De vida de outros tempos.

Outros tempos,

Que é o tempo

Em que a terra fala.

Hoje eu desenho e recolho

Algo do que me contou a terra que lhe contou a gente,

E de algo que me contou a gente que lhe contou a terra.